

Narrativas ameríndias na encruzilhada de influências literárias Amerindian narratives at the crossroads of literary influences

SÁ, Lúcia. *Literaturas da Floresta – Textos amazônicos e cultura latino-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

Resenhado por Rachel Bertol (UFRJ)

O caminho que nos abre Lúcia Sá em *Literaturas da Floresta – Textos amazônicos e cultura latino-americana* é elucidativo e relevante para aprofundar um movimento ainda novo no país, que vem propiciando o reconhecimento, como pertinentes, de vozes que a cultura estabelecida relega a porções de esquecimento e preconceito. Valorizar as narrativas indígenas, tais como realizam suas minuciosas análises, implica um deslocamento de ponto de vista, uma certa ruptura até, de múltiplas consequências.

Não se trata apenas de naturalizar e entender um legado que estaria congelado no tempo, como monumento em praça pública, mas reconhecê-lo em sua vivacidade contemporânea na sociedade brasileira e latino-americana do século XXI, com sua renovada interconexão de identidades (não apenas indígenas). Essa perspectiva não se exige de outras demandas, como a de reconhecimento (no caso indígena) de direitos intelectuais e territoriais. No primeiro caso, incluem-se direitos autorais, como o de escritores indígenas que somente nos últimos dez anos vêm conquistando uma presença mais ampla na sociedade, e biológicos, como sobre “o conhecimento xamânico de plantas medicinais” (p. 37). Já os territórios, mais do que a reivindicação por um lote de terra, referem-se ao resgate de “marcos geográficos e sagrados, além de uma relação histórica” (p. 36). As literaturas da floresta são intrínsecas ao território – nelas, animais e elementos da natureza surgem como personagens tão relevantes quanto os seres humanos, com os quais interagem.

Sem querer brigar com a tradição da crítica literária, pois esta lhe é muito útil – “espero demonstrar nesse processo o respeito que tenho por essa tradição (...) e o quanto aprendi com ela” (p. 35) –, Lúcia Sá alerta que preferiu partir de premissas “diferentes das dominantes na tradição crítica até o momento” (idem). Seu estudo retoma as fontes indígenas não como simples “dado etnográfico” ou “mito”, termo que, de acordo com ela, costuma ser utilizado para

excluir tais narrativas de categorias da dita “grande arte”, ou seja, excluí-las da ideia de literatura.

Questiona-se, dessa forma (talvez indiretamente), aquilo que seria propriamente literário segundo uma certa tradição dominante, nesse sentido indo ao encontro de um debate maior, num momento em que o estudo da literatura vem sendo entrecruzado – muitas vezes em meio a polêmicas – pela confluência de múltiplas formas narrativas. A sólida pesquisa empreendida por Lúcia Sá, professora de Estudos Brasileiros na Universidade de Manchester, pode contribuir para aprofundar o debate. “Pareceu-me útil chamar a atenção para o que se perde quando as fontes indígenas são ignoradas” (p. 34).

O livro se divide em quatro partes, equivalentes a tradições indígenas da planície amazônica: macro-caribe, tupi-guarani, sistema tukano-arauaque do Alto Rio Negro e arauaque ocidental. Cada uma começa com a análise de fontes indígenas da respectiva tradição, que, em seguida, são observadas a partir de obras literárias de autores não indígenas. Na primeira parte, “Roraima e os caribes”, um dos livros em debate é *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade.

Sua principal fonte são os relatos reunidos pelo naturalista alemão Theodor Koch-Grünberg, que em 1911 visitou a região do monte Roraima com dois índios pemons (uma etnia caribe). De forma cuidadosa, Lúcia compara o Makunaíma do relato, personagem de grande força e ambiguidade, brincalhão e trágico ao mesmo tempo, com aquele criado pelo autor modernista, o qual confessa, em trecho por ela destacado:

Resolvi escrever porque fiquei desesperado de comoção lírica quando, lendo o Koch-Grünberg, percebi que Macunaíma era um herói sem nenhum caráter nem moral nem psicológico, achei isso enormemente comovente de fato nem sei por quê, de certo pelo ineditismo do fato, ou por ele concordar um bocado bastante com nossa época, nem sei (...) (p. 86, citação de Lopez, 1988, pp. 400-1).

A autora também revê estudos críticos importantes sobre *Macunaíma*, como o de Haroldo de Campos. Neste como em outros, a referência metodológica para a análise são modelos europeus, inclusive da cultura popular europeia, distante do universo do nosso herói. Evidencia-se, desse modo, uma certa hierarquização que parece privilegiar padrões europeus/ocidentais em detrimento das fontes indígenas, que não passariam de “pano de fundo colorido” (p. 103). Lido à luz da intertextualidade com os textos indígenas, no entanto, *Macunaíma* ganha mais ainda em complexidade – e tal abordagem é exemplar na proposta de Lúcia Sá.

Na opinião de Sérgio Medeiros, que apresenta o livro, publicado originalmente em inglês, a vasta pesquisa oferece uma excursão por diferentes literaturas, guiada pelas narrativas ameríndias. Discute-se a forma como Guimarães Rosa as utiliza em *Meu tio Iauaretê*, e as nuances do indianismo no século XIX, quando a autora diferencia a utilização das fontes tupis em Gonçalves Dias e José de Alencar (este teria criado um índio bem mais idealizado, em consonância com padrões europeus do Romantismo). Também se analisam, entre outras obras, as fontes de *Maíra*, ficção de Darcy Ribeiro, e o conservadorismo de *O falador*, do peruano Mário Vargas-Llosa.

Na maioria dessas obras, Lúcia Sá percebeu a predominância de um pessimismo em relação ao futuro das culturas ameríndias. A exceção estaria, curiosamente, em narrativas como as de Kaká Werá Jecupé, que começou a publicar nos anos 1990, precursor de um movimento que congrega cada vez mais autores de diferentes etnias de todo o Brasil. Os escritos desses autores são atravessados pela confluência de múltiplos territórios, como os da cultura ocidental que os alfabetizou, e sua inserção no mercado editorial não é livre de tensão – inclusive, pondo em xeque o sentido clássico de autoria individual. Como se vê, o tema suscita questões complexas que podem implicar (como dissemos) um deslocamento de ponto de vista, com novas frentes no debate literário e cultural. *Literaturas da Floresta* contribui para esse debate, na verdade premente e indispensável para que o movimento seja efetivo, e não se esvazie na antiga e falsa ideia de simples adorno.